

## DISTRIBUIÇÃO DOS DESCRITORES VISUAIS NA REPRESENTAÇÃO DE TERMOS RELACIONADOS A LEGUMES

Jaqueline Vitória da Silva <sup>1</sup>  
Samara Lessa de Jesus Carvalho <sup>2</sup>  
Heloyse Sarah Melo de Lira <sup>3</sup>  
Humberto Meira de Araujo Neto <sup>4</sup>

### RESUMO

Quando desconhecemos termos específicos de uma língua, recorremos a estratégias de expressão para preencher essa lacuna comunicacional. Em línguas de sinais, uma dessas estratégias é o uso de “descritores visuais” (DV), também conhecidos como classificadores, que são estruturas manuais menos convencionalizadas que os sinais. Com o tempo, alguns descritores se incorporam ao léxico, tornando-se parte do vocabulário da língua, embora ainda mantenham características de uso imediato e estratégico. Este estudo tem como objetivo investigar a distribuição dos descritores visuais entre os falantes, considerando faixa etária, grau de convencionalização e tipo de descritor visual utilizado. A pesquisa utilizou registros de vocabulário da categoria Legumes do Corpus da Libras (UFSC e UFAL), escolhida pela baixa padronização dos termos. Foram analisados vídeos de 39 participantes, divididos em três grupos: 11 de 19 a 29 anos, 13 de 30 a 49 anos e 15 com 50 anos ou mais. Cada participante nomeou 10 itens da categoria, totalizando 390 registros. Os descritores visuais foram comparados com exemplos do [spreadthesign.com](http://spreadthesign.com) e do Signbank da UFSC, e classificados em cinco categorias: i) forma e tamanho; ii) manipulação; iii) parte do corpo; iv) entidade; e v) item lexical consolidado. Foram registradas 84 ausências (21,5%), principalmente no grupo 3 (52,3%), seguidos pelo grupo 1 (29,7%) e grupo 2 (17,7%). A datilologia foi usada em 10,26% dos casos. Os sinais mais parecidos com as referências foram cebola (73,5%), cenoura (65,7%), tomate (61,1%) e batata (56,7%). Os grupos mostraram uma variação na proximidade com o dicionário: grupo 1 (37,6%), grupo 2 (43,5%) e grupo 3 (18,8%). O DV de forma e tamanho foi o menos utilizado, mas mais presente nos registros que diferem do dicionário, enquanto os DV de manipulação e itens lexicais consolidados foram mais frequentes. Não houve uso de DV de partes do corpo ou entidade. Embora os dados não permitam uma análise diacrônica, há indícios de maior padronização entre os mais jovens, sugerindo que os DVs tendem a se consolidar ao longo do tempo. Contudo, muitos termos da categoria

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas - AL, [jaqueline.silva@igdema.ufal.br](mailto:jaqueline.silva@igdema.ufal.br);

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas - AL, [samaracarvalhotils@gmail.com](mailto:samaracarvalhotils@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas - AL, [heloyse.lira@fale.ufal.br](mailto:heloyse.lira@fale.ufal.br);

<sup>4</sup> Professor doutor do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas - AL, [humberto.neto@fale.ufal.br](mailto:humberto.neto@fale.ufal.br).

Legumes não estão totalmente consolidados, possivelmente pela conveniência de uso dos DVs em situações de comunicação. O maior uso de DV de forma e tamanho em registros não padronizados indica uma tentativa de tornar a mensagem mais clara. Itens lexicais consolidados, como cores ou associações com animais, complementam os descritores visuais para maior precisão.

**Palavras-chave:** Descritores visuais; Variação linguística; Corpus-based.

## INTRODUÇÃO

Quando queremos comunicar uma ideia específica e desconhecemos o termo referente a esta ideia, recorreremos a estratégias de expressão que visam suprir essa lacuna comunicacional. Em línguas de sinais, uma estratégia possível de se utilizar para amenizar esse ruído comunicacional é fazer uso de descritores visuais (DV)<sup>5</sup>, também conhecidos como classificadores, verbos descritores, sinais policomponenciais ou polimorfêmicos (Liddell 2003; Cormier et al. 2012), que são estruturas manuais menos convencionalizadas que os sinais (Goldin-Meadow e Brentari, 2017, Kendon, 2004, McNeill, 1992).

Os DVs não são uma estratégia exclusiva de falantes de línguas de sinais (Clark, 2026) e não exercem apenas a função de suprir lacunas, mas sim, como o próprio nome diz, servem para descrever situações incorporando ações e assumindo papéis, possuindo características mais gradientes e capazes de representar propriedades físicas dos eventos, normalmente de maneira atrelada a itens lexicais com propriedades mais categóricas. Entre os falantes de língua de sinais, há evidências de que os mais fluentes tendem a utilizar mais este recurso (Rudser, 1986).

Com o passar do tempo, percebemos que alguns desses descritores se incorporam na língua assumindo uma forma mais fixada no léxico, tornando-se parte do vocabulário da língua que conhecemos hoje, mas suas propriedades ainda se assemelham aos descritores de uso mais imediatista e estratégico (Perniss et al., 2015). Um exemplo seria o sinal de TOMATE (Figura 1), já consolidado entre boa parte dos falantes, mas com características descritivas mantidas.

---

<sup>5</sup> Em inglês, um termo comumente utilizado é *Depcting Construction* (DC), já que nesta língua existe a distinção entre “Descrever” (*Describing*, na qual o uso de itens lexicais categóricos é mais produtivo) e “Descrever visualmente” (*Depicting*, no qual o uso de itens lexicais é mais limitado). Aqui manteremos o Descritor Visual (DV).

FIGURA 1: TOMATE



Fonte: signbank.libras.ufsc.br

Dado o contexto, este trabalho, de ordem descritiva, tem o objetivo de investigar como os descritores visuais se distribuem entre os falantes, considerando a faixa etária, o grau de convencionalização e o tipo de descritor visual utilizado, tomando como referência a categoria semântica denominada de Legumes.

## **METODOLOGIA**

Para a coleta, utilizamos os registros de vocabulário da categoria Legumes do Corpus da Libras (UFSC e UFAL). A escolha da categoria se deu por introspecção a respeito da aparente pouca padronização dos termos para os itens nela elencados, o que demandaria o uso de DV, ao invés de se recorrer a itens lexicais convencionados.

Pelos vídeos disponibilizados no Corpus, obtivemos uma amostra de 39 participantes, sendo 11 do grupo 1 (19 a 29 anos), 13 do grupo 2 (30 a 49 anos) e 15 do grupo 3 (50 anos ou mais). No Corpus, cada participante foi orientado a nomear 10 itens da categoria aqui escolhida, totalizando 390 registros. Os itens são: LEGUME, REPOLHO, PIMENTÃO, BATATA, CENOURA, BRÓCOLIS/COUVE, TOMATE, BETERRABA, ALFACE e CEBOLA.

Nossa primeira questão foi se as produções para cada item da categoria Legume eram sinais ou DVs. Como a maioria dos sinais observados utilizam o DV de alguma maneira, adotamos o critério de enquadrar como sinais (isto é, mais convencionalizado/fixado) os registros idênticos às referências. As produções

distintas seriam, então, as menos fixadas, uma vez que variavam da realização das referências. Na comparação, os sinais realizados pelos participantes foram enquadrados como a) igual à referência, b) parcialmente igual à referência e c) diferente da referência. Aqui utilizamos como referências o dicionário digital [spreadthesign.com](http://spreadthesign.com) (European Sign Language Centre) e o Signbank (UFSC), que é um banco de sinais da Libras com livre acesso digital. Todos os itens da categoria Legumes tinham 1 ou mais registros nestas plataformas.

As respostas dos participantes foram sistematizadas numa planilha<sup>6</sup> e os sinais registrados pelos participantes, bem como os sinais referência, foram segmentados em até 5 “golpes” (Seyfeddinipur, 2012). Cada golpe foi categorizado de acordo com 1 das 5 opções (Kurz et. al, 2023): i) DV de forma e tamanho; ii) DV de manipulação; iii) DV de parte do corpo; iv) DV de entidade; e v) item lexical consolidado.

Segundo Mckee (2021, p. 100),

i) Os DVs de forma e tamanho descrevem a estrutura visual-geométrica de um referente, aqui codificados por “ft”;

ii) Nos DVs de manipulação, o movimento associado à forma de mão imita o modo como um objeto é tocado ou manipulado. Há, ainda, duas subcategorias, baseadas na característica icônica que a forma de mão representa – seja a ação das mãos ou as características formais do objeto manipulado. Mas aqui, compreendemos apenas a categoria macro e a codificamos por “m”;

iii) Nos DVs de parte do corpo, partes de um referente animado, por exemplo, pernas, cabeça, são mapeadas nos dedos ou mãos do sinalizante (sem entradas neste estudo);

iv), Nos DVs de entidade, o formato da mão representa um todo ou parte de uma entidade que pertence a uma categoria semântica fechada, por exemplo, seres humanos ou veículos (sem entradas neste estudo);

Por fim, acrescentamos o item v) para os casos em que o sinal ou parte dele não se configuraram como DV, como é o caso da variação de CEBOLA (Figura 2).

Também registramos os casos em que os itens foram realizados por meio de datilologia.

---

<sup>6</sup>[https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vT2HTbski8YK9EBqgmBxyyYk5XUz7JqgaiMlyJJqjU2BbyrGiNmisNrKqWZ-pHO2hKiD8xV\\_bhGMV9R/pub?output=xlxs](https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vT2HTbski8YK9EBqgmBxyyYk5XUz7JqgaiMlyJJqjU2BbyrGiNmisNrKqWZ-pHO2hKiD8xV_bhGMV9R/pub?output=xlxs)

FIGURA 2: CEBOLA



Fonte: spreadthesign.com

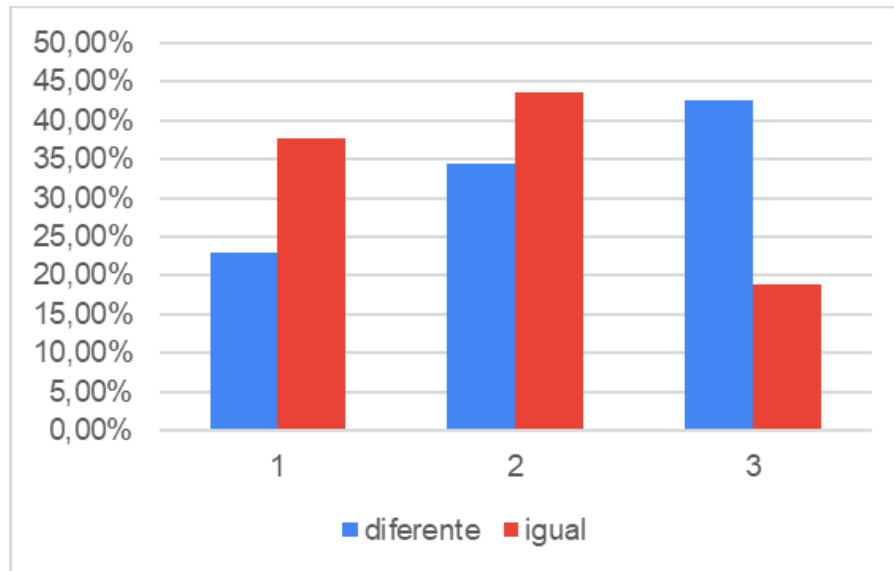
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de registros, houve 84 (21,5%) casos de ausência, quando o item não foi nomeado, seja por dúvida ou falta de atenção. Destes casos ausentes, 44 (52,3%) estava no grupo 3, 25 (29,7%) no grupo 1 e 15 (17,7%) no grupo 2.

A datilologia foi utilizada como estratégia de nomeação dos itens em 40 (10,26%) dos casos. Os itens cebola (73,5%), cenoura (65,7%), tomate (61,1%) e batata (56,7%) foram os que apresentaram maiores índices de “igual ao dicionário”, seguidos de alface (18,1%), repolho e brócolis/couve (3,4%). Beterraba, pimentão e legumes não tiveram registros iguais aos termos elencados nas referências adotadas, mas sim, parcialmente, com 47,8%, 11,1% e 21%, respectivamente.

Dos grupos investigados, os registros iguais à referência foram distribuídos da seguinte forma: grupo 1 (37,6%), grupo 2 (43,5%) e grupo 3 (18,8%). Já dos que diferem da referência, temos: grupo 1 (24,8%), grupo 2 (37,2%) e grupo 3 (37,9%), conforme Gráfico 1.

Gráfico 1: Proporção de sinais correspondentes e divergentes à referência por faixa etária.



Fonte: autores, 2024.

Sobre a distribuição das propriedades dos descritores visuais, observamos que o DV forma e tamanho (ft) foi o menos utilizado no geral, mas mais utilizado em registros que eram diferentes do dicionário. O DV manipulação e o uso de itens lexicais consolidados foi mais frequente nos registros obtidos em qualquer posição dos segmentos. Não houve registro de DV partes do corpo nem de entidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não possamos falar em termos diacrônicos, uma vez que todos os dados foram coletados numa mesma época, podemos pensar em indícios de maior padronização dos termos entre os mais jovens, reafirmando a hipótese de que os DVs tendem a se consolidar como sinais com o tempo (Motamedi et. al., 2019). Mesmo assim, boa parte dos termos desta categoria não se consolidou entre os falantes, o que pode refletir certa conveniência no uso dos DVs, já que a busca por sinais em situações de comunicação demanda maior tempo e esforço.

O maior uso do DV de forma e tamanho em registros que diferem do dicionário pode explicar uma tentativa de se fazer entendido por meio dessa estratégia aliada ao uso de itens lexicais já familiares. Estes itens consolidados entram como complementos para tornar o DV mais específico ou claro, acrescentando uma cor (VERDE, para legumes verdes; VERMELHO, para tomate; ROXO, para beterraba) ou um animal (COELHO, para cenoura).

Salientamos as limitações do corpus, sobretudo na coleta da categoria de referência, como: mais de uma imagem por item (várias cores de pimentão, brócolis e couve lado a lado), o que dificulta a elicitación; ambos os participantes estavam a par das imagens exibidas e presenciavam a sinalização uns dos outros, o que pode influenciar nas respostas; dificuldade na exibição das imagens no que diz respeito à qualidade e tamanho, o que pode atrapalhar a visualização e reconhecimento dos itens.

Como encaminhamentos futuros, além de expandir o estudo para outras categorias semânticas, verificar se as configurações de mão básicas de cada item se mantém, apesar do alto potencial de variação, o que reafirmaria a hipótese de este ser um parâmetro categórico nos DVs em línguas de sinais, refletindo marcas do objeto/evento de modo convencionalizado.

## REFERÊNCIAS

- Clark, H. H. (2016). **Depicting as a method of communication**. *Psychological Review*, 123(3), 324–347. <https://doi.org/10.1037/rev0000026>.
- Cormier, Kearsy & Quinto-Pozos, David & Sehyr, Zed & Schembri, Adam. **Lexicalisation and de-lexicalisation processes in sign languages: Comparing depicting constructions and viewpoint gestures**. *Language & Communication*, 2012.
- Goldin-Meadow, S., & Brentari, D. **Gesture and language: Distinct subsystems of an integrated whole**. *Behav Brain Sci*. 2017 Jan; 40: e74.
- Kendon, A. **Gesture: Visible Action as Utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- Kurz, K. B., Kartheiser, G., & Hauser, P. C. (2023). **Second language learning of depiction in a different modality: The case of sign language acquisition**. *Frontiers in Communication*, 7. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2022.896355>.
- LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Lu, J. C., & Goldin-Meadow, S. **Creating Images With the Stroke of a Hand: Depiction of Size and Shape in Sign Language**. *Front Psychol*. 2018 Jul 31; 9: 1276. doi: 10.3389/fpsyg.2018.01276. PMID: 30108532; PMCID: PMC6079389.
- McCleary, L., & Viotti, E. **Língua e gesto em línguas sinalizadas**. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 289-304, jan./jun. 2011.

Semestral. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>.

McNeill, D. **Hand and Mind: What gestures reveal about thought**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

McKee, R., Safar, J., & Alexander, S. P. (2021). **Form, frequency and sociolinguistic variation in depicting signs in New Zealand Sign Language**. *Language & Communication*, 79, 95–117. doi:10.1016/j.langcom.2021.04.003.

Perniss, P., & Vigliocco, G. **The bridge of iconicity: From a world of experience to the experience of language**. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences*, 2015.

Rudser, S. (1986). **Linguistic analysis of changes in interpreting: 1973-1985**. *Sign Lang. Stud.* 53, 332–330. doi: 10.1353/sls.1986.0009.

Seyfeddinipur, M. **Reasons for documenting gestures and suggestions for how to go about it**. In: Thieberger, N. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Fieldwork*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MOTAMEDI, Yasamin; SCHOUWSTRA, Marieke; SMITH, Kenny; CULBERTSON, Jennifer; KIRBY, Simon. **Evolving artificial sign languages in the lab: From improvised gesture to systematic sign**. *Cognition*, v. 192, 2019.